



## RESISTÊNCIA DECOLONIAL E REARTICULAÇÕES IDENTITÁRIAS EM *AMERICANAH*, DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

<https://doi.org/10.32988/rep.v2n9.1212>

Dayse Rayane e Silva Muniz<sup>1</sup>  
Universidade de Brasília  
(daysermuniz@gmail.com)

**Resumo:** O presente artigo aborda a resistência decolonial e as rearticulações identitárias na obra da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, principalmente no romance *Americanah*, publicado no Brasil em 2014. Levando em consideração os estudos de Gayatri Spivak (2017), acerca das relações entre literatura e representação; Grada Kilomba (2019) e as novas pedagogias do racismo; Bernardino-Costa (2019) e os conceitos de decolonialidade e pensamento afro-diaspórico; e Cláudio Braga (2019), que articula uma definição de descolonização cultural atrelada ao contexto literário no romance *Americanah*, este artigo analisa o papel da Internet como um novo *locus* enunciativo de resistência, focalizando a trajetória da Ifemelu, protagonista central da narrativa. Ao investigar a vida de Ifemelu em um contexto diaspórico no qual ela se rearticula identitariamente em busca de felicidade e maior conhecimento de si mesma, este trabalho aponta como a descolonização cultural é essencial para que os povos negros sejam concebidos como sujeitos das próprias narrativas, diferentemente do que pressupõe o cânone. A importância da voz negra feminina e imigrante da protagonista no processo investigativo se revela através da representação literária de novos sujeitos, impactando os estudos sobre a cultura e sociedade contemporâneas.

**Palavras-chave:** *Americanah*; resistência decolonial; rearticulações identitárias.

### DECOLONIAL RESISTANCE AND REARTICULATIONS OF THE IDENTITY IN *AMERICANAH*, BY CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

**Abstract:** The present article studies some aspects of decolonial resistance and identity rearticulations in the work of the Nigerian writer Chimamanda Ngozi Adichie, focusing mainly on the novel *Americanah*, published in Brazil in 2014. Our research is based on the studies of Gayatri Spivak (2017) on literature and representation; Grada Kilomba (2019), on the new pedagogies of racism; Bernardino-Costa (2019) regarding the relations between the concepts of decoloniality and afro-diasporic thought; and Cláudio Braga (2019), who articulates a definition of cultural decolonization along with the literary context, focusing on the novel *Americanah*. The role of the Internet as a new enunciative place of resistance in the trajectory of Ifemelu, the lead character of *Americanah*, is here closely analyzed. Her life is investigated in a diasporic context, in the moment she rearticulates her identity in search of happiness and self-knowledge. Cultural decolonization is an essential issue to black people, and the novel represents them as subjects of their own narratives, in opposition to the canonical perspective. The voice of a black immigrant female as a lead character not only guides the whole creative process of the novel but also brings to the center of the representation a new subject, contributing to widen the studies on contemporary culture and society.

**Keywords:** *Americanah*; decolonial resistance; identity rearticulations.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Literatura e Práticas Sociais na Universidade de Brasília (UnB), pelo Programa de Pós-graduação em Literatura. Trabalha na área de pesquisa de Literatura e Representação e no doutorado estuda diásporas, mobilidades, raça e classe na obra de Chimamanda Ngozi Adichie. É professora temporária de língua inglesa na Secretaria de Educação do Distrito Federal SE/DF.



## RESISTENCIA DECOLONIAL Y REARTICULACIONES DE IDENTIDAD EN *AMERICANAH*, POR CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

**Resumen:** El presente artículo aborda la resistencia decolonial y las rearticulaciones identitarias en la obra de la escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, teniendo como foco principal la novela *Americanah*, publicada en Brasil el 2014. Llevando en consideración los estudios de Gayatri Spivak (2017) acerca de la literatura y de la representación; de Grada Kilomba (2019), acerca de las nuevas pedagogías del racismo; Bernardino-Costa (2019), con sus conceptos de decolonialidad y pensamiento afro-diaspórico; y Cláudio Braga (2019), que articula una definición de decolonización cultural asociada al contexto literario y la novela *Americanah*, este artículo busca analizar el papel de la Internet como un nuevo *locus* enunciativo de resistencia en la trayectoria de Ifemelu, protagonista de la narrativa. Al investigar la vida de Ifemelu en un contexto diaspórico, en el que ella se rearticula identitariamente en búsqueda de la felicidad y de un mayor conocimiento de sí, este trabajo apunta como la decolonización cultural es esencial para que las poblaciones negras sean concebidas como sujetos de sus propias narrativas, diferente de lo que presupone el cánón. La importancia de la voz negra, femenina e inmigrante de la protagonista nortea todo el proceso investigativo, presentando nuevos sujetos al campo representativo, implicando también la cultura y la sociedad contemporánea.

**Palabras-clave:** *Americanah*; resistencia decolonial; rearticulaciones identitarias.

Chimamanda Ngozi Adichie é uma escritora nigeriana contemporânea cuja produção literária tem chamado a atenção da crítica e do público por volta da última década. Não obstante o reconhecimento através de premiações<sup>2</sup>, Adichie também se destaca por seus posicionamentos por meio de palestras, como as famosas conferências *O perigo de uma história única* (2009) e *Sejamos todos feministas* (2012), na plataforma *TED Talks*. Por meio das redes sociais, a escritora interage com milhares de leitores e admiradores de todas as partes do planeta<sup>3</sup>, sempre se posicionando em relação a temáticas como feminismos, racismo, literatura e escrita, assim como o fomento à cultura, arte e moda africana. A escritora publicou romances, contos, poemas, uma peça e dois manifestos. Destacam-se, na obra de Adichie, publicada no Brasil pela Companhia das Letras, os romances *Meio sol amarelo* (2008), *Hibisco roxo* (2011), *Americanah* (2014), um pequeno livro baseado na palestra homônima *Sejamos todos feministas* (2015), o manifesto *Para educar crianças feministas* (2017) e o livro de contos *No seu pescoço* (2017).

---

<sup>2</sup> Fonte: <https://www.chimamanda.com/about-chimamanda/>. Acessado em 02 de junho de 2020. Para uma lista completa de prêmios, honras e indicações ganhados pela autora, checar: <http://www.cerep.ulg.ac.be/adichie/cnaprimlinks.html>.

<sup>3</sup> Em agosto de 2017 Adichie ganhou o título honorário de doutora em Letras pela Universidade de Edimburgo pelas suas contribuições como autora e intelectual pública. Fonte: <https://www.ed.ac.uk/edit-magazine/supplements/acclaimed-author-receives-honorary-degree>. Acessado em 09 de junho de 2020.



Premiada por uma produção literária diversa e já expressiva, Adichie foi honrada com distinções como o *National Book Critics Circle Award for Fiction*, em 2013 e o *The Chicago Tribune Heartland Prize for Fiction*, de 2013, pelo livro *Americanah*, que também figura na lista do *New York Times Book Review's Ten Best Books of 2013*. Uma das ganhadoras de 2008 da “bolsa para gênios” da Fundação MacArthur, Adichie tem o seu trabalho igualmente reconhecido pelo grande público e pela academia. Para os leitores que estão fora do círculo acadêmico, a obra da autora se destaca pela repercussão política, a partir de uma representação importante: a de uma jovem mulher negra e imigrante que discute sobre a sociedade que a cerca e as marcas identitárias que fazem parte da sua existência, como em *Americanah*. Essa representação, que surge como uma forma de reafirmar subjetividades que não são apenas aquelas do lugar comum canônico, branco, masculino e de classe média, diz respeito a pessoas de todos os lugares do mundo. Já na academia percebe-se a relevância da voz que a autora levanta, sem esquecer o valor estético de sua escrita. Para o pesquisador Cláudio R. V. Braga, a obra de Adichie tem uma literariedade pós-colonial diaspórica, em que se destaca "o lado artístico, criativo e técnico [...] que nos move como amantes da literatura e como pesquisadores" (BRAGA, 2019, p. 140). Ainda segundo o pesquisador, "a literatura de Adichie em si pode ser entendida como uma iniciativa concreta de descolonização cultural" (BRAGA, 2019, p. 153). Em outras palavras, forma e conteúdo se articulam de maneira indissociável na escrita de Adichie, o que faz de sua obra ainda mais relevante na atualidade.

O engajamento de Adichie, que se estende para além de suas publicações literárias, é um fator importante para que se entenda o poder da autora como uma referência de opinião, produção artística e posicionamento político. Essa interação virtual configura mais um lugar simbólico que Adichie ocupa, e do qual sua mensagem pode se espalhar. Ao usar o espaço virtual e literário para se posicionar, a autora se engaja em um processo que, em sua obra, representa, na perspectiva de Braga (2019, p. 51), a descolonização cultural como "um projeto dos escritores pós-coloniais do século XXI".



A descolonização cultural pode ocorrer quando i. um sujeito como Adichie, mulher, negra, nigeriana, utiliza a literatura para escrever acerca de subjetividades ora objetificadas por um discurso universalista e essencialista; ii. sua produção apresenta e representa outros modos de existir, no caso de *Americanah*, em contextos diaspóricos; iii. na busca de se rearticular identitariamente, a protagonista do romance em questão passa por processos que envolvem questões como tradição e reinvenção de si em um novo espaço, estranhamento e aceitação fora da terra natal e as relações intra e interpessoais travadas em uma outra realidade.

Todas essas perspectivas, presentes não apenas em *Americanah*, mas também em outras produções literárias de Adichie, em maior ou menor grau, compõem o projeto decolonial de que Braga trata, tendo na pós-colonialidade um terreno seguro para se desenvolver e ramificar. É importante ressaltar que Braga, após refletir acerca de possíveis definições do conceito de pós-colonialidade, a entende como

[...] uma condição mundial contemporânea multifacetada, surgida a partir da extinção da colonização formal, em parte determinada pelo sistema mundial de Estados-nações, que se caracteriza pela presença persistente e até o reforço de preceitos e valores culturais disseminados por colonizadores. [...] A condição pós-colonial contemporânea é feita de uma tensa e permanente negociação, na qual ações e intenções, deliberadas ou não, influenciam a formação do indivíduo e das sociedades pós-coloniais de maneira diversificada, heterogênea e específica. [...] Também marca essa condição mundial contemporânea um cenário de intensa inquietude e mobilidade, que se dá nos deslocamentos e relocalizações, geográficos e físicos, mas também simbólicos e abstratos, oriundos da reconfiguração estabelecida pelo processo político de independência, que tornam ainda mais complexas as trocas e negociações culturais que ocorriam anteriormente (BRAGA, 2019, p. 40-41).

A condição pós-colonial é explicitamente percebida no trabalho de Adichie, mas é válido apontar que, apesar de lutar contra uma narrativa homogeneizante de sua nação e das pessoas que dela vieram em vários momentos, o fato é que a protagonista de *Americanah* se adapta ao modo americano de vida, alcançando independência econômica e êxito pessoal nos EUA. Há também a questão linguística,

uma vez que, ao serem escritos em inglês, os romances podem ser percebidos por alguns críticos como narrativas que buscam apenas entreter aqueles que estão fora da realidade nigeriana.<sup>4</sup> Apesar de não serem o foco desta pesquisa especificamente, essas colocações nos servem a critério de reflexões e ponderações necessárias, entre os quais podemos citar o processo da descolonização como é apresentado e seu impacto para os mais diversos leitores, mais ou menos familiarizados com o conceito.

O alcance da literatura, em uma conjuntura de avanços tecnológicos sem precedentes, pode ultrapassar limites antes impostos, como o imperativo do livro físico, e também provocar mudanças no campo literário e nas forças que nele atuam. Em um mundo cada vez mais globalizado, em que a produção intelectual não se restringe apenas à publicações de livros, muitos dos quais apenas serão lidos por nichos muito pequenos de interessados, a comunicação sem fronteiras espaciais, temporais e muitas vezes até linguísticas que as redes sociais possibilitam estende a influência dos seus usuários de um modo cada vez mais intenso e intrincado. Ao consumir o que produz determinado escritor ou artista, o público pode se interessar em como aquela pessoa vive, qual a realidade que a cerca, como ela lida com conflitos. Essa curiosidade, muitas vezes, leva o leitor a validar a obra e seu discurso que, não sendo hermético, atende tanto leitor comum quanto ao leitor mais crítico, já que ambos, segundo Wolfgang Iser, possuem um determinado *repertório*, definido também por Antoine Compagnon, em *O demônio da Teoria*, como “o conjunto de normas sociais, históricas e culturais trazidas pelo leitor como bagagem necessária à sua leitura” (COMPAGNON, 2010, p. 152).

Entender que a imersão na rede de computadores é um caminho ramificado, vasto e profundo é fundamental para que se perceba a extensão da

---

<sup>4</sup> Em "Hyper-Self-Reflexive Development: Spivak on representing the Third World 'Other'", o pesquisador Ilan Kapoor trata da influência do imperialismo no discurso, trazendo em suas reflexões o conceito de Gayatri Spivak sobre o 'informante nativo', para quem escritores, críticos e teóricos que se deslocam da terra natal precisam estar atentos à influência do discurso opressor ocidental em suas narrativas acerca do lugar de origem, assim como sobre para quem se direcionam suas produções. Elas buscam unicamente beneficiar o público ocidental? No processo de deslocamento, essa produção ainda se espelha em uma realidade corrente desse lugar de origem? Se apoia em um multiculturalismo crítico ou acrítico? As colocações de Kapoor são primordiais para qualquer trabalho que busque analisar representações pós-coloniais e diaspóricas.





importância de escritores contemporâneos como Adichie e sua interação e influência, que vai além das obras publicadas e muitas vezes se estende a uma multiplicidade de signos. A Internet é um espaço de enunciação primordial na atualidade, e o tipo de interação possibilitada através dessa ferramenta permite que muito conhecimento ora denominado como periférico circule com mais velocidade e mais volume. É claro que seria inocente admitir que não existe uma regulação por trás dos conteúdos que chegarão a um número maior de pessoas, muitos dos quais perpetrando visões de mundo pouco diversas e progressistas, mas é inegável o fato de que o acesso à informação se torna muito mais democrático do que quando controlado por um número restrito de agentes. Foucault nos lembra que:

[...] em toda a sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por papel exorcizar-lhe os poderes e os perigos, refrear-lhe o acontecimento aleatório, disfarçar a sua pesada, temível materialidade. (FOUCAULT, 1996, p. 2)

Esse controle, seleção, organização e distribuição se torna cada vez mais complexo quando a popularização do acesso à Internet aumenta, e as consequências disso são muito positivas para autores como Adichie, cujo discurso destoa de uma visão eurocentrada e essencialista largamente propagada dentro e fora da tradição literária, e que talvez não teriam a mesma chance de escrever e serem publicados caso as regras do jogo, no campo simbólico e social, não tivessem se flexibilizado. A empreitada colonialista de desarticular epistemologias e vivências fora do eixo europeu, que no século XX é reapropriada pelo imperialismo/neocolonialismo estadunidense, fez com que, por muitos séculos, sujeitos como Adichie (mulheres, negros, imigrantes vindos da África) fossem impedidos de partilhar conhecimentos. Como esclarecem Bernardino-Costa, Maldonado-Torres e Grosfoguel,

A longa tradição do cientificismo e do eurocentrismo deu origem a uma ideia de universalismo abstrato, que marca decisivamente não somente a produção do conhecimento, mas também outros âmbitos da vida: economia, política, estética, subjetividade, relação com a natureza, etc. Em todas essas esferas [...] os modelos advindos da Europa e de seu filho dileto - o modelo norte-americano após a



Segunda Guerra Mundial - são encarados como o ápice do desenvolvimento humano, enquanto as outras formas de organização da vida são tratadas como pré-modernas, atrasadas e equivocadas (BERNARDINO-COSTA, MALDONADO-TORRES E GROSFUGUEL, 2019, p. 12).

Em outras palavras, a Internet se torna um *locus* enunciativo rico em possibilidades de resistência a um sistema-mundo que, apesar de irreversivelmente globalizado, detém em centros metropolitanos específicos o conhecimento reconhecido como válido e útil. Desse modo, ao mesmo tempo que reconhecemos o avanço na publicação de autores como Chinua Achebe, Wole Soyinka e Buchi Emecheta (vanguardistas nigerianos que influenciaram grandemente os escritores e escritoras contemporâneos) não podemos fechar os olhos para como essas publicações são acolhidas pelo mundo editorial e depois pelo grande público. Como resgata a pesquisadora brasileira Eliana Lourenço de Lima Reis, em relação ao pensamento de Aijaz Ahmad, "é no país metropolitano, de qualquer forma, que um texto literário é primeiro designado um texto de Terceiro Mundo, nivelado dentro de um arquivo de outros textos semelhantes, e então redistribuído em escala global com essa aura colada nele" (AHMAD apud REIS, 2011, p. 12).

O que Achebe, Soyinka e Emecheta têm em comum com os escritores nigerianos contemporâneos é justamente o risco de serem concebidos como uma mera alegoria de todo um continente, em uma perspectiva impregnada de um olhar colonialista que lhes nega subjetividade ou reconhecimento estético e ontológico compatível com os grandes clássicos ocidentais, não obstante o inegável valor atribuído a suas obras, e também sua importância nos âmbitos social e cultural. É válido refletir se a obra de Adichie e outros escritores nigerianos contemporâneos como Chigozie Obioma e Ayòbámi Adébáyò de fato chegam a um público variado ou se é alvo de interesse apenas daqueles que buscam uma leitura mais fora do circuito ocidental e branco, ou tanto pior, de leitores que os veem como expoentes de uma representação abstrata e única do continente africano. Além do alcance dessas publicações, como elas são classificadas? A publicação dessas obras, *per se*, já indica que seus autores são reconhecidos como agentes do próprio discurso? Em *Literatura*,



Gayatri Spivak nos alerta que não podemos ignorar o papel da literatura na produção da representação cultural (SPIVAK, 2017, p. 580); em outros termos, mais do que ler autores e autoras que não pertencem ao cânone ocidental, precisamos refletir sobre o olhar que direcionamos a essas produções.

Adichie surge no cenário atual como uma autora diaspórica que escreve em língua inglesa, e que traz essa perspectiva para a vida de suas personagens. Suas protagonistas são mulheres ou meninas que enfrentam conflitos dentro e fora da terra natal, que abrangem, desde a luta por sobrevivência no contexto da Guerra Civil Nigeriana, como em *Meio sol amarelo* (2008), à violência doméstica e os golpes de Estado na Nigéria em *Hibisco roxo* (2011), assim como a situação diaspórica de uma imigrante vivendo nos EUA, em um profundo processo de conhecimento de si e do outro, como em *Americanah* (2014). No deslocamento da autora, assim como o das personagens criadas por ela, há um reconhecimento da alteridade e de suas teias de possibilidades estratégicas, identitárias e de resistência caro à literatura pós-colonial, em que a produção de Adichie se inscreve, e esses ingredientes são mais claramente percebidos em um de seus romances mais consagrados, *Americanah* (2014).

*Americanah* acompanha a trajetória de Ifemelu, mulher nigeriana que migra para os Estados Unidos para estudar e, depois de treze anos, começa a sentir falta de seu povo, costumes e família, decidindo voltar para a Nigéria. Os capítulos, marcados por um narrador onisciente, transitam entre a vida de Ifemelu na Nigéria e nos Estados Unidos, assim como a vida de Obinze, um namorado de juventude que ainda faz o coração da protagonista bater mais forte. O romance também traz, com igual peso, questões públicas (racismo institucional, xenofobia, migração) e privadas (transição cultural, depressão, relações amorosas intra e interracialis), o que contribui para o grande sucesso da obra, publicada em vários países e em diversas línguas.

Como maneira de lidar com preconceitos de raça, gênero e etnia que precisa enfrentar em sua nova realidade, Ifemelu escreve um *blog* chamado *Raceteenth* ou “Observações diversas sobre negros americanos” (antes chamados de “crioulos”), feitas por uma negra não americana. Através do *blog*, a protagonista se apodera de um espaço em que pode problematizar as relações entre nigerianos e





americanos, assim como as relações entre os próprios africanos morando nos EUA. As problemáticas abordadas por Adichie e a resistência a elas, segundo Cláudio R. V. Braga,

[...] são centrais no romance, ensejando uma condição pós-colonial de tensão entre passado e presente e de intensas negociações de abandono, manutenção ou reapropriação de valores culturais, sejam nigerianos, ingleses ou estadunidenses. No turbilhão da pós-colonialidade que caracteriza todas as dimensões em *Americanah*, chama-nos a atenção as estratégias de representação do processo de descolonização cultural articuladas por Adichie, centralizadas na protagonista Ifemelu (BRAGA, 2019, p. 51).

As "estratégias de representação do processo de descolonização cultural" salientadas por Braga estão associadas, por exemplo, ao processo de transição capilar da protagonista, uma temática que toca no racismo estrutural dos EUA para com a população negra oriunda ou não do país. Tratam ainda da evolução pessoal de uma mulher negra e imigrante que aceita suas características físicas com amor e respeito, indo contra padrões de beleza excludentes, além de aproximar uma perspectiva pessoal, como o é o trato do próprio cabelo, de discussões políticas e sociais mais amplas, como a questão do racismo estrutural e dos preconceitos.

Ao acompanharem uma protagonista que, ao mesmo tempo, passa por uma transição capilar enquanto aprende mais sobre si mesma, passando a pensar criticamente acerca do mundo à sua volta, mulheres até então parcamente representadas na literatura têm a chance de se identificar com o processo de busca de si e do mundo, através de um enfrentamento significativo ao racismo e ao sexismo de uma sociedade adoecida, que inferioriza os que não se enquadram nos estereótipos. Grada Kilomba ilustra bem essa nova pedagogia do preconceito ao salientar que

Nos racismos contemporâneos não há lugar para a "diferença". Aqueles e aquelas que são "diferentes" permanecem perpetuamente incompatíveis com a nação; elas e eles nunca podem pertencer, de fato, pois são irreconciliavelmente *Ausländer*. "De onde você vem?", "Por que você está aqui?", "Quando você pretende voltar?". Tais



perguntas incorporam exatamente essa fantasia de incompatibilidade (KILOMBA, 2019, p. 113).

A transição capilar de Ifemelu é valiosa, simbólica e literalmente. No campo simbólico, sua transição conversa com o empoderamento buscado por anos de luta pelo corpo, pela voz e pelo direito de inúmeras mulheres em lugares e momentos históricos diversos; em uma leitura literal, ela afaga todas cujos cabelos, não aceitos em um contexto cultural e histórico em que a beleza mora em um padrão eurocêntrico e que se supõe universalizante, se sentem representadas por uma personagem que, entre variadas reflexões, mostra o quão sintomática é a falta de salões de beleza em um bairro acadêmico e nobre americano, lugar feito para pessoas brancas:

Mas Ifemelu não gostava de ter que ir a Trenton para trançar o cabelo. Não era surpreendente que não houvesse um salão especializado em Princeton – os poucos negros que ela vira ali tinham a pele tão clara e o cabelo tão liso que era difícil imaginá-los usando tranças- mas, enquanto esperava o trem na Princeton Junction, numa tarde incandescente de calor, Ifemelu se perguntou *por que* não havia lugar ali onde pudesse fazer suas tranças (ADICHIE, 2014, p. 10).

A questão do cabelo, que ganha *status* de profissionalismo e aceitação social a depender de sua forma, também é discutida na narrativa, e essas discussões não acontecem apenas entre pessoas americanas e nigerianas, mas também entre homens e mulheres vindos da África. A multiplicidade com que assunto é discutido reitera o valor que o cabelo tem na sociedade, e como o processo de transição representa um forte ato de resistência cultural e política.

Quando ela falou da entrevista em Baltimore, Ruth disse: "Meu conselho? Tire essas tranças e alise o cabelo. Ninguém fala nessas coisas, mas elas importam. A gente quer que você consiga esse emprego" (ADICHIE, 2014, p. 220).

Ao optar por seguir o conselho de Ruth, Ifemelu acaba tendo o couro cabeludo queimado pelo relaxante, e além da dor e desconforto, os seus cabelos começam a derreter. Ao presenciar a situação, Curt, o namorado branco de Ifemelu indaga:



"Por que você tem que fazer isso? Seu cabelo era lindo trançado. E aquela última vez, quando você tirou as tranças e deixou meio natural? Ficou mais lindo, tão cheio e incrível."

"Meu cabelo cheio e incrível ia dar certo se eu estivesse fazendo uma entrevista para ser *backing vocal* numa banda de jazz, mas preciso parecer profissional nessa entrevista, e profissional quer dizer liso, mas se for encaracolado. que seja um cabelo encaracolado de gente branca, cachos suaves ou, na pior das hipóteses, cachinhos espirais, mas nunca crespo" (ADICHIE, 2014, p. 222).

É nesse momento de desespero que a personagem passa a se conectar com outras mulheres, que a ajudam a tomar a decisão de usar o cabelo natural. Na trama, a transição capilar é uma experiência íntima, porém coletiva, que traz à tona lembranças da infância, padrões sociais nigerianos e estadunidenses a serem seguidos sem muita consideração. Nesse momento revelador para a vida de Ifemelu, que reconhece sua beleza e força ao decidir assumir sua negritude frente a uma sociedade repleta de preconceitos de raça e etnia, a Internet ocupa um lugar de grande importância. Através dos *blogs* em que outras mulheres de cabelos cacheados e crespos falam sobre a transição, ela encontra uma comunidade a que realmente pertence, em que é assídua e que entende a importância desse processo.

O site FelizComEnroladoCrespo.com tinha um fundo amarelo-gema e muita gente comentando, pessoas cujas fotos de identificação eram de mulheres negras piscando. Elas tinham longos dreads, afros curtos, afros grandes, cabelos torcidos, tranças, cachos imensos e chamativos. Chamavam relaxante de "crack cremoso". Estavam cansadas de fingir que seu cabelo não era o que era, cansadas de correr na chuva e fugir do suor. Elogiavam as fotos umas das outras e terminavam os comentários mandando "abraços". Reclamavam que as revistas feitas para negros nunca tinham mulheres de cabelos natural em suas páginas. [...] Trocavam receitas. Esculpiam para si mesmas um mundo virtual onde seu cabelo enrolado, crespo, pixaim e lanudo era normal. E Ifemelu caiu nesse mundo transbordando gratidão (ADICHIE, 2014, p. 230-231)

O percurso de Ifemelu, assim como da narrativa em si, não é linear. Através das digressões e da divisão do livro em partes – sete, para ser mais exata – que vão e voltam no tempo, se segmentando entre Obinze, o amor da vida de Ifemelu, que também emigra e volta para a Nigéria, e a personagem principal, há uma clara



necessidade de salientar o quão tortuoso, vacilante e multifacetado é o desenrolar dos fatos, das memórias, dos afetos. Resistir a essa trajetória é o mesmo que completar uma jornada, embora isso não signifique evolução ou conquista. Ifemelu pode voltar para o mesmo amor, para o mesmo país de onde saiu, e essa volta pode significar ouvir a voz de dentro e fracassar na vida estrangeira ou simplesmente a noção de que felicidade e satisfação não dependem do lugar, mas da pessoa, onde quer que esteja. Nessa perspectiva, a volta não é um fracasso, e sim uma escolha de alguém que lutou para se descobrir fora da terra natal e na terra nova onde chega.

Através do *blog*, acompanhamos a protagonista, que por esse veículo de informação e interação vai além do publicável, do político, do externo. Há espaço também para falar de amor, dores e medos, e é justamente essa troca, que eventualmente se reverte em sucesso profissional e financeiro para Ifemelu, o que nos permite perceber como o *olhar* da protagonista é precioso para a resistência de uma jovem mulher em um contexto de deslocamento e reflexão intensa acerca da vida, dos valores, do que é para ela sucesso e felicidade. É através do *blog* que sabemos de fato o que Ifemelu pensa e quão contundente é a sua crítica ao país estrangeiro, a alguns costumes do povo nigeriano, aos complexos desdobramentos das relações raciais no cenário estadunidense, à corrupção que destrói os sonhos da juventude nigeriana.

Um dos tópicos mais interessantes discutido no *blog*, que rende muitos comentários de seguidores e aumenta o alcance das publicações, é justamente sobre as questões de raça envolvendo negros estadunidenses e negros africanos. A própria noção de que as vidas dessas pessoas são diferentes, mas são vistas pelos brancos estadunidenses simplesmente como *negros*, independentemente de seu país de origem, é problematizada nas postagens.

Querido Negro Não Americano, quando você escolhe vir para os Estados Unidos, vira negro. Pare de argumentar. Pare de dizer que é jamaicano ou ganense. A América não liga. E daí se você não era negro no seu país? Está nos Estados Unidos agora (ADICHIE, 2014, p. 239).



Separadas do resto da história e identificadas no texto por um título e pelo uso de uma fonte diferente, as postagens surgem, muitas vezes, para satirizar ou enfatizar aspectos sociais e culturais implicitamente representados na trama. Exemplo disso é o modo como a invenção da raça é discutida pela personagem, na sátira à maneira como ela percebe que nos Estados Unidos as pessoas fingem não distinguir as diferenças fenotípicas entre os indivíduos, reproduzindo discursos racistas, furtando-se a discutir os racismos, o que implica um suposto discurso neutro no qual neutralidade é sinônimo para tudo o que é branco. Na postagem "Então, qual é a verdade?", Ifemelu escreve em seu *blog*:

Eles nos dizem que raça é uma invenção, que existe mais variação genética entre duas pessoas negros do que entre um negro e um branco. Mas então dizem que as negras têm um tipo pior de câncer de mama e maior predisposição a tumores do útero. E que os brancos têm mais fibrose cística e osteoporose. Então, qual é a verdade, médicos presentes? Raça é uma invenção ou não é? (ADICHIE, 2014, p. 327)

Já nas primeiras páginas do romance, nos deparamos com uma protagonista que observa, comenta, ironiza um contexto sociocultural em que ela é geralmente vista como o *outro*. Grada Kilomba, ao destacar que "ser observada e questionada são formas de controle que, certamente, incorporam poder" (KILOMBA, 2019, p. 115) demonstra quão importante é perceber esse detalhe para entendermos melhor quem é Ifemelu. Antes de conhecermos sua vida e os conflitos que enfrenta, sabemos que ela é a pessoa que opina, escancara, analisa as pessoas que a cercam, o que leva a ponderações acerca do poder desse posicionamento para que ela reconstrua a própria identidade em uma realidade diaspórica.

[..] As pessoas sempre ficavam lisonjeadas quando Ifemelu perguntava sobre a vida delas e, se ela não dissesse nada depois que começassem a responder, isso só fazia com que falassem mais. Eram condicionadas a preencher silêncios. Se perguntavam o que Ifemelu fazia, ela respondia vagamente "Tenho um blog anônimo chamado *Raceteenth* ou *Observações diversas sobre negros americanos (antigamente conhecidos como crioulos) feitas por uma negra não-americana*" os deixava constrangidos (ADICHIE, 2014, p. 10)





Ao contar a história de uma mulher negra que migra para um país ocidental, cuja noção de felicidade está fortemente pautada na vida econômica e no *status* social, Adichie possibilita uma série de discussões críticas nos âmbitos culturais, sociais e históricos. Entre outras questões, na trajetória de Ifemelu surgem ponderações sobre a vida da ainda estudante na Nigéria, enfrentando golpes políticos e greves na busca por uma educação de qualidade; ao chegar nos EUA, os problemas são outros. Não obstante a segurança da universidade, em que finalmente pode realizar o sonho de galgar um nível acadêmico mais alto, há a problemática do dinheiro escasso, da adaptação em um país racista e pouco aberto a vivências diferentes, a solidão. A escolha por narrar a vida acadêmica de uma mulher negra e imigrante, por si só, já representa uma grande ruptura ao cânone literário, cujas narrativas e personagens não saem do lugar comum da fome, miséria, pouca educação e senso crítico. Adichie dá voz a uma representação de existência transcendental e complexa.

O mundo estava envolto em gaze; Ifemelu podia ver a silhueta das coisas, mas nunca com clareza suficiente, nunca o suficiente. Ela contou a Obinze que havia coisas que ela devia saber como fazer, mas não sabia, detalhes que devia ter trazido para dentro de seu espaço, mas não trouxera. E ele lembrou a Ifemelu quão rapidamente ela estava se adaptando, com um tom sempre calmo, sempre consolador. Ifemelu fez entrevistas para vagas de garçomete, hostess, bartender e caixa e ficou esperando ofertas de emprego que nunca chegaram, sentindo que a culpa era sua. Tinha de ser ela que estava fazendo algo de errado; mas não sabia o que podia ser. O outono chegara, chuvoso e com céus cinzentos. O dinheiro vazava de sua parca conta no banco. Os suéteres mais baratos da loja Ross ainda a deixavam espantada com seus preços altos, as passagens de ônibus e trem se acumulavam e as compras de supermercado causavam buracos em seu extrato, apesar de ficar atenta diante do caixa, observando a tela até dizer "Por favor, pare. Não vou levar o resto" quando a conta somava trinta dólares. A cada dia parecia surgir uma nova carta para ela na mesa da cozinha e, dentro do envelope, havia uma mensalidade a ser paga e palavras escritas em maiúsculas: SUA MATRÍCULA SERÁ SUSPensa SE O PAGAMENTO NÃO FOR RECEBIDO ATÉ A DATA DO FIM DESSA NOTIFICAÇÃO (ADICHIE, 2014, p. 143-144).

Podemos concluir que, não obstante a necessária representação de Ifemelu, há outro aspecto igualmente relevante em *Americanah*: uma crítica ao



processo de colonização enfrentado pelo povo nigeriano e suas implicações na atualidade. Tão importante quanto a crítica, contudo, é o lugar de onde ela parte: aqui, dubiamente, o lugar de uma mulher negra se rearticulando identitariamente em um contexto diaspórico e também o *blog*, um espaço em que ela goza de voz, poder e exercício de subjetividade. Se por um lado é necessário perceber o quanto a sociedade estadunidense se utiliza de uma agenda que sequestra pautas como os feminismos, a transição capilar e as vivências diaspóricas, por outro, no fim das contas mostra como Ifemelu é capaz de fazer escolhas que considera melhores para si, levando em conta pouco ou nada dos julgamentos de outrem.

Essa escolha conversa de perto com a escritora bell hooks e suas reflexões acerca do olhar oposicional, em que

[...] os atos de análise, de desconstrução e de leitura 'contra a corrente', oferecem um prazer adicional – o prazer da resistência, de dizer 'não'; não para o deleite 'não sofisticado', por nós e por outros, de imagens culturalmente dominantes, mas para as estruturas de poder que nos pedem que as consumemos de maneira não crítica e em maneiras altamente limitadas (HOOKS, 2017, p. 485).

Ifemelu existe, resiste, se reinventa, e, no fim do romance, simbolicamente e literalmente, abre a porta e diz: "Entre!".

## Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramón. Decolonialidade e pensamento afro-diaspórico. In: \_\_\_\_ (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afro-diaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. p. 9-26.

BRAGA, Cláudio R. V. **A literatura movente de Chimamanda Adichie: pós-colonialidade, descolonização cultural e diáspora**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019.



COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria**. Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

HOOKS, bell. O olhar oposicional: espectadoras negras. In: BRANDÃO, Izabel (Org.). **Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010)**. Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017.

KAPOOR, Ilan. Hyper-Self-Reflexive Development: Spivak on representing the Third World 'Other'. In: \_\_\_\_\_. **The postcolonial politics of development**. New York: Routledge, 2008.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Trad. Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

REIS, Eliana Lourenço de Lima. **Pós-colonialismo, identidade e mestiçagem cultural: a literatura de Wole Soyinka**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SPIVAK, Gayatri. Literatura. In: BRANDÃO, Izabel (Org.). **Traduções da cultura: perspectivas críticas feministas (1970-2010)**. Florianópolis: EDUFAL; Editora da UFSC, 2017.

Recebido em 21/07/2020

Aceito em 10/12/2020